CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: _____

Data: 23.01.88

Pg.: _____

Índio menor é espancado na reserva de Ibirama e policiais investigam

Ibirama — Com queimaduras de 2º grau por todo o corpo, quatro dentes quebrados, uma costela fraturada, um braço desfrancado, cortões nos pés e nas mãos e várias lesões generalizadas provocadas por objeto pontiagudo incandescente, o menor E.L.S., 3 anos, foi internado no Hospital Miguel Couto, em Ibirama na tarde da última quinta-feira. Segundo o delegado de polícia local, Carlos Soltg Neto, "ele foi espancado por um casal de índios que mora na reserva indígena de Ibirama e estamos instaurando inquérito para levantar os fatos que motivaram a agressão".

O médico Luiz Inglieto, que atendeu

ao menor, disse que o seu estado inspirava cuidados ao dar entrada no hospital, mas que agora ele já está bem melhor. Várias pessoas doaram sangue para E.L.S., devido as hemorragias sofridas durante o espancamento.

Antônio Siqueira Sobrinho, 27 anos, natural de São Lourenço do Oeste, pai do menor E.L.S. contou o delegado, foi abandonado há cerca de três meses pela sua esposa e em dezembro recebeu uma informação de onde encontrá-la. Sem ter com quem deixar o filho pequeno, Antônio solicitou ajuda ao casal de índios Congo Vetcha Peie e Ana Monconam para que cuidassem do seu filho, pois há alguns

meses trabalhava na retirada de madeira como empregado dos índios.

Sem a esposa, ao tentar reaver a criança, Antônio Siqueira foi primeiramente proibido de entrar na reserva indígena e posteriormente preso por três dias em um cubículo. Na quarta-feira passada com o corpo todo machucado, Antônio foi entregue pelos índios à Polícia Civil, e acusado de ladrão, e eles alegaram que o pai do menor tinha roubado dentro da reserva e queriam que eu o prendesse", informou o delegado Carlos Soltg. Após ouvir a versão de Antônio Siqueira, o delegado de Ibirama solicitou a ajuda de Fernando Vieira, chefe do posto da Funai dentro da reserva, no sentido de reaver a criança.

Mudanças de costumes indicam perigo

Desde a chegada do Pacificador Eduardo Lima e Silva na região ao Alto Vale do Itajaí-Açu, no início do século, jamais o processo de alteração nos usos e costumes dos índios atingiu um grau como o atual, definido pelo assessor do prefeito de Ibirama, Danilo Cristóvão da Silva, como sendo "altamente perigoso".

A área de 14.157 hectares, situada a 40 quilômetros de Ibirama, foi destinada pela Funai à implantação da reserva indígena Duque de Caxias e, lá, hoje vivem cerca de 1.200 índios chamados Coroados, e que têm a posse da terra. Guaranis, que se dedicam ao artesanato, Botocudos e posteriormente os cafusos — mistura

de branco com índio —, foram se estabelecendo na região, havendo paulatinamente a interferência do homem branco.

Danilo Cristóvão admite que se hoje existem graves problemas de ordem social na reserva, "foi tudo por causa do branco que sempre incentivou o índio a cometer os mesmos delitos a que são habituados; hoje temos uma turma de revoltados e não é para menos que grandes desajustes estejam acontecendo, através de atos violentos que não chegam a nada".

Para se preservar do branco, os índios até criaram uma milícia indígena e andam armados. O interesse em defender o que sobrou é ponto de honra para os índios. Segundo cálculos otimistas, de toda a ma-

deira nobre existente na reserva, apenas 5% ainda estão de pé. O resto é madeira de segunda e que não mais interessa ao madeireiro, que soube explorar durante anos a inexperiência dos índios, que chegaram a ser lesados nas levas de caminhos que adentraram a reserva.

Hoje em dia, com o poder aquisitivo diminuído, o índio não se contém e reclama ao seu modo. "Agora a gente não vê mais tanto índio nas ruas" exemplifica um morador de Ibirama. Mas os que saem da reserva invariavelmente acabam encontrando encrenca e a revolta se dissemina em atos considerados, pelos brancos, de vingança.